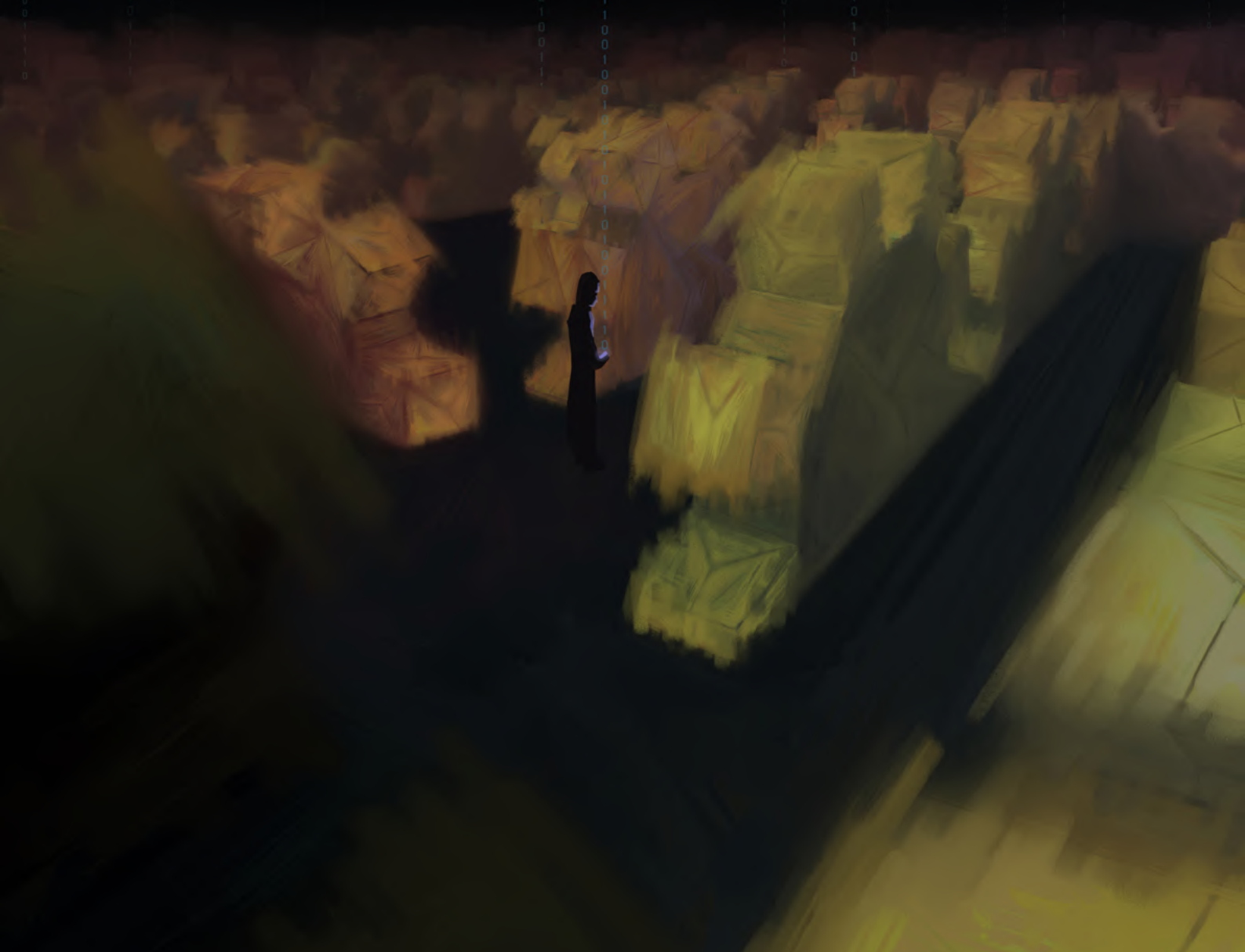


revista

in transitiva



volume 3
ago/ 2019

AFACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de
Anglo-germânicas

Revista ⁱⁿtransitiva

Poder (v. 3, n. 1)

Agosto, 2019

Organizadores

Adriana Jordão (UERJ)
Érica Schlude Wels (UFRJ)
Michela Rosa Di Candia (UFRJ)
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)
William Soares dos Santos (UFRJ)

Editor Chefe

Willian Machado

Editor Adjunto

Lucas Loureiro Fernandes (UFRJ)

Conselho Editorial Executivo

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)
Amanda Carraro Moraes
Andreza Ferreira Silva (UFRJ)
Daniel Malta Viana (UFRJ)
Davi Bretas (UFRJ)
David Francisco dos Santos (UFRJ)
Diana Melo Xavier (UFRJ)
Luana Carolina da Silva (UFRJ)
Verônica Leal (UFRJ)
Victor Schlude (UNICAMP)

Logotipo

Helena Gomes Freire
Luana Carolina da Silva (UFRJ)

Arte de Capa e Ilustrações

David Francisco dos Santos (UFRJ)

Diagramação

Luana Carolina da Silva (UFRJ)

Equipe de Revisão

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)
Caio Mieiro Mendonça (UFRJ)
Carolina Custódio (UFRJ)
David Cidade (UFRJ)

Web Design e Suporte Técnico

Rafael Laplace (UFRJ)

Conselho Consultivo

André Cabral de Almeida Cardoso (UFF)
Angélica de Oliveira Castilho Pereira (CAp-UERJ)
Danielle Galindo Gonçalves Silva (UFPEl)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Ieda Magri (UERJ)
Laura Patricia Zuntini de Izarra (USP)
Luisa Dalla Valle Geisler (Companhia das Letras)
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)
Paulo Henriques Britto (PUC-Rio)
Rafael Mendes (UFRJ)
Taís Bravo (UFRJ)
Tarso do Amaral (UERJ)
Viviane Mendes de Moraes (UGB)

Corpo de Avaliadores

Alana Dysarz da Cunha (USP)
Aline de Mattos Esteves (U.Porto)
Álvaro Alfredo Bragança (UFRJ)
Ana Clara Waltz Brum
Andrei Ferreira (UFRJ)
Beatriz Protti Christino (UFRJ)
Daniel Aparecido Veneri (UFRJ)
Débora Souza da Rosa (UFRB)
Fernanda Silva Dias de Aquino (UFRJ)
Igor Gadioli (UFS)
Janine Pimentel (UFRJ)
Leonardo Berenger Alves Carneiro (PUC-Rio)
Leonor Werneck dos Santos (UFRJ)
Maria Lucia Guimarães de Faria (UFRJ)
Mariana de Oliveira Rego Farias (UFRJ)
Matheus Gomes Alves (UFRJ)
Priscila Saemi Matsunaga (UFRJ)
Rafael Guimarães Botelho (IFRJ)
Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ)
Wellington Aires da Cruz Pereira (Fatec Campinas)
Wisley do Carmo Vilela (UFRJ)

Autores e Textos

0. Editorial: <i>Dos poderes da escrita</i> – Victor Schlude	pg. 4
1. <i>00101110 00111111</i> – Alexandre Carvalho Rios Magalhães	pg. 5
2. <i>a intérprete</i> – Felipe Ribeiro	pg. 10
3. <i>Ela</i> – Juan Manuel Roca Benedek	pg. 13
4. <i>Eu sentei no degrau da garagem e desci o verbo chorar</i> – Beatriz Kesting Tramontin	pg. 17
5. <i>Poderia(o)</i> – Julia Rodrigues Costa	pg. 22
6. <i>A Porta</i> – Paula Lucchesi de Luna	pg. 24
7. <i>Houve um tempo em que recebíamos os monstros em casa</i> – Paloma da Silva Barreto	pg. 27
8. <i>Nature's bloodline</i> – Esther Borges	pg. 29
9. <i>Vinte</i> – Anna Luiza Cavalcante Ferreira Dias	pg. 31
10. <i>um dia de trabalho</i> – Felipe Ribeiro	pg. 33
11. <i>E o coração está em África</i> – Gustavo Tanus Cesário de Souza	pg. 36
12. <i>D'accord, até a próxima missa</i> – Eduardo Costa de Mancilha	pg. 44
13. <i>O voo de Lib-El</i> – André Barbosa Ribeiro Ferreira	pg. 46
14. <i>o führerbunker</i> – Felipe Ribeiro	pg. 50
15. <i>Eu vi os anos passarem como a névoa</i> – Eli 'e.l.' Lemos	pg. 53
16. <i>Diga ao forte: "és fraco"</i> – Jean Carlos da Silva Gomes	pg. 58
17. <i>Em Torno da Dialética entre a espada e a palavra</i> – Vinícius Bandera	pg. 62

Dos poderes da escrita

Por muito tempo, o poder foi percebido como algo místico. Um golpe vingativo do martelo dos deuses. Um dom perdido que somente poderia ser encontrado por aqueles de bom coração. O poder. Força misteriosa e imponente que divide os povos.

É fato que hoje pensamos o poder como algo que transita entre espaços e sujeitos. Uma força movente. Ainda assim, as mãos invisíveis o capturam nos domínios de sistemas e grandes estruturas, as mesmas que insistem em interromper os fluxos, silenciar as vozes e barrar as passagens. Nesse paradigma de poder, não há mais heróis à procura de fontes secretas e espadas escondidas. A luta, há muito, é por justiça. Preenchem-se praças, ruas e avenidas. Ecoam vozes em uníssono. O poder de muitos. A multidão se faz o herói das histórias cavaleirescas. A vítima capturada são os direitos, vozes e vidas que permanecem às sombras, retidos.

Nessa terceira edição da *Revista intransitiva*, celebramos esse fluxo movente na escrita. Festejamos o poder da palavra como luta e resistência, compreendendo que o agir é a única maneira de fazer essas forças mutáveis transitarem. Acreditamos que a linguagem tem tanta potência para sustentar a realidade que conhecemos como para subvertê-la.

Esse é o poder trapaceiro do texto.

Esperamos que as leituras desse volume possam ser inspiradoras para continuarmos disputando narrativas e trajetórias. E que a literatura e arte sejam sempre maneiras de compartilhar poder, sendo a linguagem um bravo ato de (re) existência.

Boa leitura!

Victor Schlude

Em nome do Corpo Editorial da Revista intransitiva

00101110 00111111

00101110 00111111 – Alexandre Carvalho Rios Magalhães

Biografia do autor: Alexandre Magalhães é cristão, músico, escritor e, nas horas vagas, estudante de Letras-Inglês na UFRJ. Muitas de suas inspirações literárias vêm de suas horas de videogame na infância, das muitas narrativas literárias ao seu redor e, principalmente, das pessoas (loucas e interessantíssimas) com quem convive. Membro ativo da Oficina Literária Ato Zero no Colégio Pedro II por três anos, através da qual publicou um conto em um livro junto a outros participantes. Aparentemente, não é muito capacitado para fazer uma biografia de si mesmo em terceira pessoa.

Resumo do texto: Um cometa se aproxima da Terra e todo o planeta parece ser afetado de uma forma tremenda e estranha. E talvez o que Julienne entenda não seja nem uma fração do que realmente está acontecendo.

Julienne levantou, pegou o jarro de flores e lançou pela janela do arranha-céu. E as flores se espalharam com o poder do vento.

01010010 01000101 01001001 01001110 01001001 01000011 01001001 01000001
01001110 01000100 01001111 00100000 01010011 01001001 01010011 01010100 01000101
01001101 01000001

Uma estrela brilha no céu. Não, não é uma estrela e Julienne sabe disso. é um cometa. e não brilha, está dilacerando o céu. em direção à Terra. ela pega seu diário e escreve:

Rio de Janeiro, alguns dias pro fim do mundo...

Hoje acordei com esperança, mas olhando pela janela do quarto, logo vi que era inútil, e, mais uma vez, chorei. Queria que aquele filme "Armageddon" fosse verdade.

Não consegui me comunicar com Fábio, Rodrigo, Lúcia, Anderson... E nem com minhas filhas... Não tem jeito, acho que meus erros vão me perseguir até o dia em que aquela Estrela da Morte alcance o mundo e aí não vai importar mais nada.

Uma estrela arranha o céu.

É tão estranho que

ela para. pela janela, observa o alto mais uma vez... muitas vezes já estudara sobre o poder delas, estrelas magníficas. Nascem nas poeiras do universo em famílias distantes, fundem os elementos em seu âmago, transformam tudo. mudam tudo. e explodem em supernovas inimagináveis. Lançam aquilo gerado no seu mais profundo interior em direção ao universo profundo. Ou então, se transformam em buracos negros e acabam morrendo sobre si mesmas e destruindo e desfigurando todo universo em volta. O próprio tempo e a matéria são transformados pela sua simples existência.

E aquela estrela decidiu cair ali, no seu mundo. e mudou tudo de uma maneira que uma estrela jamais poderia compreender.

"Iluminou até mesmo minha própria destruição".

Volta os olhos pro diário. Porém, antes de voltar a escrever, ouve uma batida em sua janela. Um som surdo. E um homem flutua do lado de fora, acena pra ela. Ele tem uma barba longa e um sobretudo pesado e colorido. Julienne dá de ombros, fecha o diário, abre a janela e dá a mão pro homem, que a puxa e a ergue nas alturas na velocidade do vento.

Na China, há uma imponente torre de vidro. No último andar dela, há um homem que veste um terno de muitos dólares. Observa com tristeza a estrela que brilha competindo com o Sol. suspira. olha para a rica mobília e quase chora. o porta-retratos com a foto de sua mãe sorri pra ele, um sorriso de muitos anos de saudade. suspira de novo. desliga o computador, apaga as luzes e desce as escadas de seu escritório. pega o elevador para o térreo. caminha pelos bastidores e abre a porta

do outro lado, em frente ao palanque, repórteres, empresários e curiosos de todo o tipo aguardam o seu último pronunciamento em uma algazarra monstruosa.

- Boa tarde, senhoras e senhores. Serei breve, porém sincero. Gostaria de anunciar que estou, oficialmente, doando todos os bens da empresa para instituições humanitárias do interior. Dessa forma, estão também demitidos todos os funcionários, tendo, cada, uma indenização de dez vezes o valor de seus salários. Toda a papelada já está devidamente acertada... Foram muitos anos de disputas e jogos infundáveis até chegarmos ao auge de nossa produção. Mas, com essas palavras declaro, definitivamente, o fim das Indústrias Cashier.

Uma represa de vozes contida por muito tempo irrompe na plateia, atônita, mas não exatamente surpresa. O homem desce do palanque e vai andando em direção à porta da frente do seu prédio, que ele nunca – nunca – em sua vida tinha visto. No caminho, apenas dois dos seus oito seguranças seguram a multidão de perguntas, os outros estão indecisos se é pra continuar em seu trabalho ou deixar seu mais novo antigo chefe em paz, enfim.

Julienne vê das nuvens essa cena e o barbudo de sobretudo diz a ela:

- É sempre assim, Julienne. Não há poder em torres de vidro. Elas sempre sucumbem.

Julienne olha com assombro para a torre. “Ela balança”. É alçada para longe dali.

O coronel, carregando suas medalhas de metal no bolso, passou a noite inteira perambulando no arsenal do quartel. Verificou cada centímetro, cada arma e explosivo, dezenas de vezes. Inquieto e completamente perdido. Gavetas de metal foram tiradas do lugar, cartuchos inspecionados. Não havia ferrugem em nada, corrosão, defeito, no equipamento tecnológico e de alto poder destrutivo. É... Ali estava toda a sua vida, seu trabalho. agora, não faz nenhum sentido. Está sentado em uma cadeira enferrujada de metal, perdido. completamente perdido. E gostaria de estar cercado de amigos jogando uma sueca, como nos velhos tempos. mas os velhos tempos e os velhos amigos ficaram para trás... ficaram para trás muito antes dos novos tempos. ficaram para trás...

Só sobrou o metal. O metal em seus dedos, em seu corpo, em seus dentes, em seus bolsos, em seu passado e em seus documentos. O metal nunca ficava para trás. O metal é indestrutível.

Ele, então, tenta, mais uma vez, engatilhar uma pistola e disparar. ela falha. Faz o mesmo com um fuzil. que também falha. a noite inteira testou cada um dos equipamentos do arsenal, e todos estavam perfeitos, apesar de inúteis. todos falhavam.

Sem nenhuma esperança, resolve deixar pra lá. O mundo vai acabar de toda forma. “Nenhuma batalha vai eclodir nos próximos dias e, se eclodir, não ligo. Não vai fazer a mínima diferença”. Recosta-se na cadeira de metal, que se parte, e cai de bunda no chão.

- No início eu achei ela bem bonita – diz Julienne ao homem barbudo e de sobretudo colorido em um bar na Escócia – Eu ainda tava na fase da ingenuidade sobre a estrela. Acho que todo mundo tava nessa fase. Ela brilhava no céu à noite, a semanas-luz daqui. Era tão linda...

eu observava ela pelo telescópio do centro de pesquisa da faculdade. Foi quando recebi um periódico eletrônico de astronomia por e-mail, eu era assinante. Abri o e-mail, empolgada, mas bem na capa já vinha a pior notícia que eu poderia esperar. A maravilha virou um pesadelo. Fui a primeira do meu grupo de pesquisa e, talvez, de todos os professores da universidade a saber da notícia e não tive maturidade para contar a ninguém. Não tive sangue frio. Só me demiti. Larguei tudo. Em meio a protestos e ameaças, fui embora sem olhar pra trás. Tentei consertar algumas burradas... E agora, vendo as consequências no mundo todo... – ela encara o noticiário na TV – Queria poder viajar no tempo. – ela ri e se diverte – Pra viver a vida sabendo de seu prazo de validade.

Um homem entra pela porta do bar. Tem a barba por fazer e sua farda está surrada. Com uma das mãos segura a base da coluna, visivelmente com dor. Com a outra traz algumas notas amassadas. Chega perto do barman e diz:

- O que essa porcaria ainda pode comprar pra um velho desnorteado, meu jovem?

O barman vira e, alegre, ensaia uma continência, dizendo:

- Coronel! Foi preciso o fim do mundo pra voltarmos a nos encontrar. Com isso aí o senhor ainda compra a nossa melhor bebida. Não tem por que reservar o melhor pro final se o final é agora.

O coronel estreita os olhos por alguns segundos. Por fim, diz:

- Ah, sim! Sean... eu me lembro de você. E, como você insinua, só mesmo o fim do mundo pra fazer um homem como eu cair de seu pedestal. Espero que você ainda possa perdoar um velho ranzinza por aquele incidente em 2007... Aquilo fez você e os outros meninos irlandeses sumirem da nossa vista antes mesmo de estarem dentro... Quanta imbecilidade.

Um copo se enche em frente ao coronel.

- Já superei aquilo há muito tempo, senhor. E agora, com tudo que tá acontecendo, eu e você somos iguais.

- Sempre fomos, Sean. Sempre fomos.

Os dois olham para o noticiário ao mesmo tempo e, ao fundo, o cometa brilha com imagens de satélite. Um dos dois âncoras está fazendo uma série de piadas que faz todos no estúdio rirem (e também uma grande parte dos telespectadores). Além disso, alguns segundos antes, o outro tinha recitado alguns poemas para, como ele próprio dissera, “acalmar os corações aflitos”. Ninguém sabia, mas tinham decidido não falar sobre o súbito fim da maior empresa dos últimos anos, que ocorrera na China poucas horas antes. Não falar sobre a crise política e econômica que se alastrava pelo globo. Muito porque não consideravam uma crise, mas uma libertação. Pois não eram grandes colapsos, mas um simples ponto final. Um acordo feito por todas as partes, todos os lados, inimigos e aliados. Concordavam que certas coisas não faziam mais sentido existir. E, então, aqueles que brigavam e se opunham com unhas e dentes pararam de brigar. Os âncoras aconselham, por fim, que os internautas passem o máximo de tempo possível nos próximos dias com as pessoas amadas.

Era noite e, em uma varanda escura, um casal tentava educar seu filho respondão. Eles batiam, humilhavam e gritavam com a criança. O garoto parecia não compreender as repreensões, apenas sentia a dor, em seu coração, de ser agredido pelas duas pessoas que representavam maior alento em sua vida. Seus padrões e baluartes.

Porém, nas trevas da noite, a estrela brilhante arranhando o céu, lançou luz sobre aquela varanda. E em sua pálida luminescência azul, era possível enxergar três figuras abraçadas. o pai derretendo em lágrimas, a mãe arrependida. os chinelos ficaram, nessa hora, apenas nos pés. os xingamentos abafados no pensamento. o cinto pendurado no armário. E o quarto, naquela noite, não tinha uma criança solitária dormindo, mas o calor de uma família.

Julienne e o homem de sobretudo voam pelo Reino Unido. Dão uma volta e atravessam para Portugal, passando pela Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Espanha. Sobem, velozmente, em direção à África. Cortam o continente, Argélia, Níger, Nigéria... Correm em direção ao pacífico e são mais rápidos que a própria Terra girando. No caminho ela vê fogos de artifício multicoloridos, música e comida. Vê dança e pessoas girando. Vê casas, muitas casas. Vê namorados. Vê amantes. Vê um casal de velhinhos pulando de paraquedas de um avião, abraçados. Vê uma chuva de granizos sobre um arco-íris. E em cada lugar que param, vê o homem barbudo e de sobretudo descendo e colhendo flores. E vê o Sol nascer e se pôr muitas vezes. Ela pensa que, se continuassem voando daquele jeito, ainda seria possível ver muitos dias se passando antes que a estrela os alcançassem.

9

E ela é um olho no céu que observa os dois por onde vão.

Há um show de rock organizado e realizado por bandas locais ocorrendo no meio da rua. Uma multidão se aglomera em frente ao arranha-céu que Julienne e o homem barbudo de sobretudo sobem. No caminho, Julienne vê uma família feliz numa varanda aproveitando a música. Um pai. Uma mãe. Um filho. Eles se divertem.

No último andar do edifício, há uma sala. Nessa sala, há apenas uma mesa de metal, um jarro enorme e janelas, muitas. O homem barbudo e de sobretudo coloca todas as flores que colheu dentro do vaso e aquele buquê chega a ser mais belo que o brilho soturno do cometa que se aproxima.

- Sempre rejeitam... Sabe, Julienne, é sempre assim. Perdidos numa confusão intelectual, ideológica, política. Doutores são mais bem requisitados que vendedores de sorvete.

Julienne levantou, pegou o jarro de flores e lançou pela janela do arranha-céu. E as flores se espalharam com o poder do vento.

01110001 01110101 01100001 01101110 01110100 01100001 01110011 00100000
01110110 01100101 01111010 01100101 01110011 00100000 01110110 01101111 01110101
00100000 01110100 01100101 01110010 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000
01110010 01100101 01110000 01100101 01110100 01101001 01110010 00111111

a intérprete

a intérprete – Felipe Ribeiro

Biografia do autor: Graduando em Letras/Literaturas autor de *Amargo embargo*, *Tijolos de silêncio* e *O suor que sucede a febre* (no prelo).

Resumo do texto: Poema que se relaciona ao tema devido ao tratamento dado aos artistas pelos detentores do poder.

Veja bem -
gosto quando minhas palavras
saem da tua, da tua boca
com o homem de terno
[ao lado.

É como se minha língua
estivesse atada à tua
mas de forma crua,
nada erótico [claro.

Na verdade nem sei
o que faria se não tivesse
podido me acompanhar.
[Veja bem,

fui destacado para cobrir
esse caso mas preferia estar
comendo ovos e bacon.
[Espera -

o que eles estão dizendo agora?
Sim, naturalmente, o homem
deve ser produtivo, você acha
que ele não é [delinquente?

Tradutor? Conta outra!
Minhas palavras ganham forma

mas não é minha boca
ou minha [voz.

Não é isso o que você está fazendo,
camarada, traduções?

Tua minha voz em outro tom
já é quase uma [tradução

do que seria eu se usasse
essas *ushankas* cínicas
Isso é trabalho, certo? Sairemos daqui
com três cheques [cada.

Shit - escritor!

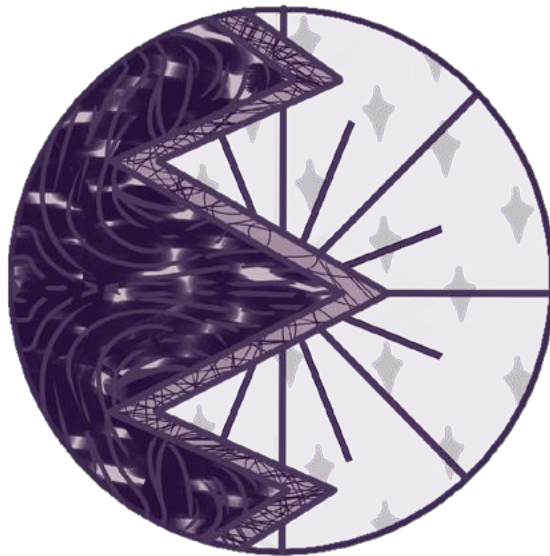
O memorando que me aguarda
vai além de qualquer sílaba dele.
Já teve guerra à ponta da [tinta?

Desculpa, falei muito *rápido*?
Diga ao homem para acordar já
parece que sairá a sentença.
- Qual foi o [veredicto?

Inacreditável! Você ouviu *bem*?
Sabia que o castigo aqui era leve
levando em conta esse presidente.
[No meu país...

A intérprete perdeu o fio a Joseph Brodsky deixando o tribunal.

Ela



Ela – Juan Manuel Roca Benedek

Biografia do autor: Aluno de Literaturas com 21 anos e poucas certezas nas costas.

Resumo do texto: Ode a um sentimento de impotência tão bela quanto profunda. A pior forma de submissão vem sem aviso, sem rosto, sem nome e sem explicação.

Talvez tenha sido numa terça de manhã que a vi pela primeira vez. Ou então num fim de tarde de domingo. Sei que saí da cama por um copo d'água e lá estava ela: nua, de pé num canto mal iluminado da sala; quieta, sempre quieta. Com o corpo tenso, em meio-grito, perguntei-lhe quem era, como entrara, o que queria; disse-lhe que saísse. Ela permaneceu calada, movendo a cabeça apenas o suficiente para me olhar diretamente. Calei-me e a encarei por um instante que poderia ter sido eterno, se meu desconcerto não me tivesse feito voltar o olhar. Seu rosto parecia variar de expressão a cada segundo, ainda que não movesse um único músculo.

Alcançando o telefone, quis disar por ajuda. Meus dedos acompanharam o movimento de minha mente, mas não fizeram mais que acariciar os devidos botões; senti a possibilidade da chamada como uma ânsia distante, sem conseguir me prestar a realizar a ação. Talvez eu ali já soubesse que nela não havia realmente perigo, não havia emergência a relatar.

Olhei-a de novo em seu canto. Não se movera um centímetro. Aproximei-me mais um pouco, e o medo que sentira ia se dissipando a cada passo. Seu olhar não desgrudou por um segundo da minha figura, tampouco suas feições encontraram posição fixa em sua imóvel dança de emoções. Cheguei tão próximo quanto consegui, tentando, talvez em vão, compreendê-la.

14

Não sei bem até hoje descrever o que vi, mas acho que era linda. Acho que era mulher, apesar de ser possível que não fosse nada. Ela era, e ela estava, estava ali comigo como comecei a pensar que talvez jamais alguém estivera. Ela me olhava, e eu a admirava, e através dessa conexão nos mantivemos. Fiz menção de tocá-la, senti-la, conhecê-la, mas no momento em que gerei o pensamento ele se tornou memória, e nunca ação. Foi então que soube que ela me dominava.

Quis falar-lhe de novo, mas ela havia me tirado a capacidade; e, mesmo que ainda a tivesse, eu sabia que ela não me responderia. Contentei-me, então, em me maravilhar mais e mais com sua figura, em meu silêncio de oração. Em certo momento, sem aviso ou gesto prévio, ela deu um passo à frente, e tudo que eu soube fazer foi abrir-lhe caminho. Ela continuou andando. Olhei seu corpo nu em movimento e quis desnudar-me também, ainda que soubesse, naquele instante, o quão imperfeita era minha carne. Ela andava com perfeição e leveza de nuvem; e eu, consciente do peso de meu corpo, de meus passos, de meus pensamentos dignos e indignos, de minha insensatez humana, segui-a até meu quarto.

Não sei por que me levou ali e imagino que nunca vá saber. Afinal, entendi enquanto caminhava que minha ingenuidade era demais, minha fraqueza demais, minha feiura demais para compreender as atitudes dela. No instante em que comecei a pensar se não eram assim para compreender qualquer tipo de atitude, ela parou de caminhar e se posicionou, de pé, ao lado de minha cama. Inundou-me uma noção de que precisava me deitar e tive certeza de que vinha dela, pois compreendi que não teria conseguido alcançar aquela conclusão só.

Uma vez na cama, voltei a admirá-la. Não era, afinal, como se houvesse outra opção: ela havia passado a ocupar o quarto por inteiro. Ela ocupava cada canto e, com isso, ela me ocupava. Não sei ao certo quanto tempo se passou até eu perceber que ela estava em cima de mim. Sentada em meu peito, ela não era mais nuvem, mas o peso do mundo me alcançando em questão de segundos. Tentei questioná-la, expressar minha angústia, pedir-lhe que se fosse, mas, frente àquela súbita pressão, não foi possível puxar suficiente ar para falar. Talvez eu ainda respirasse, fracamente, embora ouse pensar que era apenas seu corpo gélido me dando o sopro. Ali e então ela era meu sustento, minha vida. Ela era tudo; eu, nada; e junto ao sufoco da constatação da minha pequenez me voltou a indagação de que algum dia eu fora mais que nada. E, a partir disso, minha única certeza era que sempre fui, e sempre seria, menos que ela. Foi a primeira vez em que chorei na presença dela.

Notei o passar do tempo quando começaram as ligações. Ela atendia cada uma e me permitia falar por aqueles segundos, e, a pedido dela, eu respondia às vozes preocupadas que era ela, que não me movia por ela, não saía por ela, não podia conversar por ela. Não me compreendiam. Aos toques de campainha que procederam, ela não me deixava responder e, assim, esses vinham sempre acompanhados de mais ligações, cada vez mais preocupadas. Até o dia em que cessaram. Voltamos, então, a ser só nós, eu e ela. Nesse período, não sei se comi, se bebi, se me aliviei; sei que chorei, e com isso e com ela eu me nutria, e vivia.

15

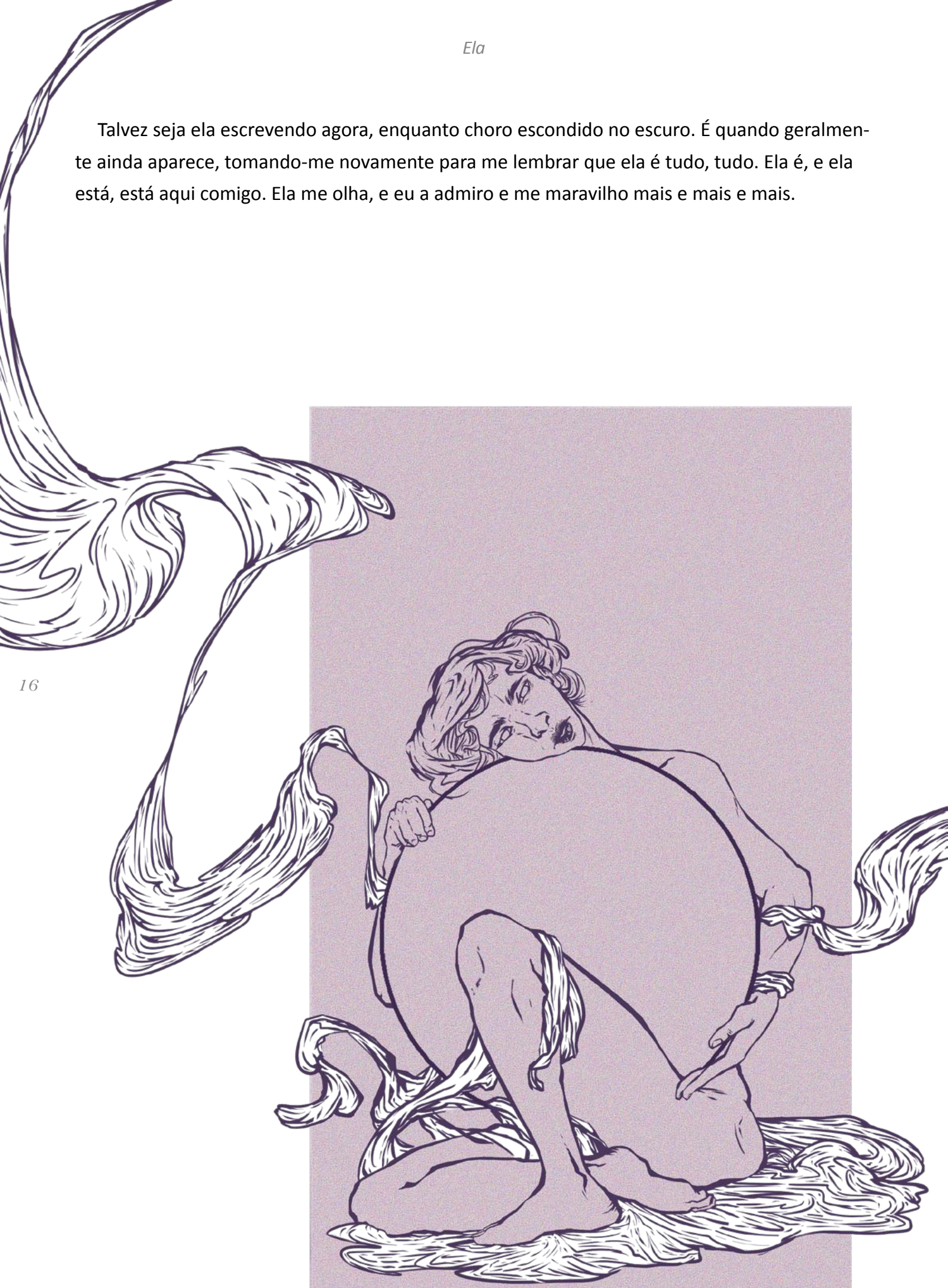
Certo dia ela se levantou, e pude então sentir a força do ar entrando em meus pulmões como um orgasmo. Em puro êxtase, senti que me tomava por completo o prazer da liberdade, o grande presente que ela me dera. A partir daquele momento, eu era capaz, porque ela me fizera capaz. Olhei-a, parada novamente ao lado da cama, e soube apenas agradecer e agradecer enquanto me levantava e movia meus músculos hibernados. Dei o primeiro passo para longe da cama e vi que ela me seguia. Caminhei, e a cada movimento ela permanecia próxima, sem me permitir grande distância, como se em mãos tivesse minha coleira. Como se em mãos tivesse a mim. E assim entendi o que éramos.

Uma vez que pudemos sair de casa, não demorou para descobrirmos que ninguém mais a via. Gritaram-nos que era loucura, chamaram-na imaginação. Recomendaram-nos ajuda, considerando-a um problema. Alguns poucos tentaram compreender-nos, mas como eu não sabia descrevê-la, logo passaram a ignorá-la. A isso tudo ela nunca reagiu, tornando-me grande o suficiente para saber fazer o mesmo.

Hoje não a vejo mais todo dia, e, quando não aparece, acomete-me a saudade. Sinto sempre sua presença, mas a enxergo mais em reflexos, um constante passo atrás de mim (excluídas as vezes em que olhei rápido e não pude ver senão ela na imagem).

Talvez seja ela escrevendo agora, enquanto choro escondido no escuro. É quando geralmente ainda aparece, tomando-me novamente para me lembrar que ela é tudo, tudo. Ela é, e ela está, está aqui comigo. Ela me olha, e eu a admiro e me maravilho mais e mais e mais.

16



Eu sentei no degrau da garagem e descii o verbo chorar

Eu sentei no degrau da garagem e descii o verbo chorar
– Beatriz Kesting Tramontin

Biografia da autora: Graduada em Cinema e Audiovisual pela UNISUL. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (UNISUL). Integrante do Grupo de Pesquisa em Estética e Política na Contemporaneidade (EPOCA). É autora do livro *Caixa de poemas*, publicado pela EdiUnesc, de Criciúma.

Resumo do texto: O poema é uma tentativa escrita a partir das experiências da última eleição.

Eu sentei no degrau da garagem
e desci o verbo chorar
olhando nos olhos do meu
cachorro
Eu vi a humanidade dentro de
mim implorar pela humanidade
dentro dos seres humanos
Meu cachorro não sabia, mas você sabe
dos segredos dos porcos
Dos sujos engravatados e dos homens de bens
Dos cidadãos de bem e dos porcos
Todos humanos menos os
porcos, os cachorros, os gatos, os papagaios
Todos humanos e limpos sem
imundices e infiltrações nos seus
carros blindados
Então eu desci o verbo chorar e
não importava se o cachorro
me olhava com dó
Encostando em mim e pedindo
algun tipo de perdão pela humanidade que via nele
mais que um cachorro
Animais são os porcos que
ocupam os escritórios
São os chefes que abusam das
suas empregadas
Porcos são os que defendem
uma religião e uma cultura de animalidade

enquanto veem num cachorro de raça uma
humanidade de parentesco

E

Enquanto escrevo isso

Uma náusea

Um embrulho no estômago por

ter de viver com

humanos com humanidade de

porcos

Com humanos nojentos que

repelem o ódio de si nas outras

humanidades

19 Uma náusea por estar aqui com

tantos e tantas marionetes de

humanidade

Mas chega de porcos, vamos

falar de humanos

De um humanismo de Homem

branco que é disso que se trata,

não é mesmo?

De uma linguagem em que a

humanidade vem sendo sempre

excluída

De uma cultura onde tudo é a

serviço dos humanos Homens,

Dos porcos limpos e bem

vestidos

Então por que sou eu que me sinto suja?

Por que sou eu que me sinto enferma?

Eu tenho gritos de cortes no
pulso amontoados
silenciosamente por esta
humanidade de cidadãos de bem
que estão ao meu redor
que são meus parentes,
que são meus vizinhos,
que eram meus amigos,
que são tão fodidos e injustiçados, coitados
É! Não me esqueço das fodidas e
injustiçadas, coitadas, queria eu
achar que é só homem que está contra
Mas há também porcas,
sororidade não se aplica em
mulheres sem consciência
de raça, gênero e classe?

Então por que sou eu que me sinto suja?

Por que sou eu que me sinto enferma?

Eu não vejo humanidade nos
seus olhos, quem está cega?
Eu não ouço sua humanidade,
quem está surda?

Eu não vejo humanidade em
seres humanos que só veem humanidade

nos seus e nas suas semelhantes
uma humanidade pequena e
racista e homofóbica e machista
Vocês são humanidade mosca.

Poderia(o)

Poderia(o) – Julia Rodrigues Costa

Biografia da autora: Julia tem e é um corpo estranho que tenta achar o seu lugar; uma voz que luta para sair do lugar seguro no qual ninguém a escuta.

Resumo do texto: Esse é um poema sobre o silêncio. O silêncio que sangra, por dentro e por fora, nos corpos de mulheres – mulheres como eu.

Existências construídas por vozes de alguém,
Ditas: boas; más; nada.
Marias; Joanas; Cicranas; mulheres; mario-
netes;
Marielles.
“Mais uma: metralha”.

Falo.
Berro. Eco.
Falido. Fa(r)dado. Fedido.
Fodido(a). Não
Cospe. Vai,
Engole.

Sangro.

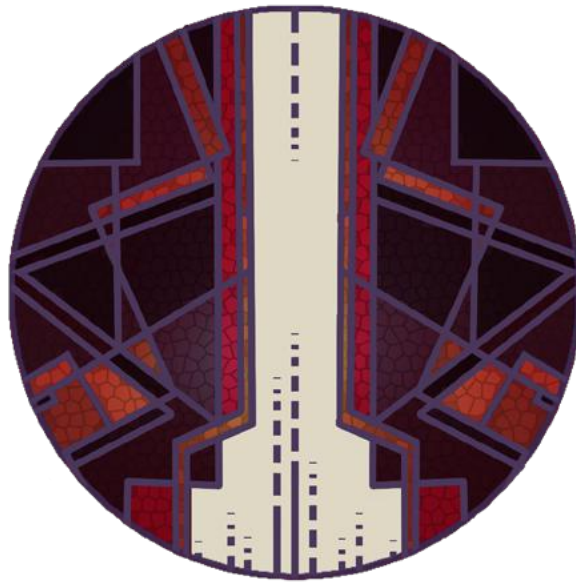
Filha do falo: que ninguém escuta.
Filha do medo: dias sim/dias não.
Filha de ninguém.

“Se não consegue falar, escreve”.
— Faz isso — Faz aquilo —
Mas eu quero isso.
Mas eu SOU isso.
“Você não é a última bolacha do pacote”.
“Pede pro seu avô te ensinar como faz”.
Mas

[...]

“Bota coisa melhor na sua boca”.
Eu quero MINHAS palavras.
(me doem pra sair)
“Engole o choro”.

A Porta



A Porta – Paula Lucchesi de Luna

Biografia da autora: Licenciada em Letras - Português/
Literaturas pela UFRJ.

Website da autora: [https://plucchesi4.wixsite.com/
paulalucchesi](https://plucchesi4.wixsite.com/paulalucchesi)

Resumo do texto: Poder, medo e o eu. O poder é uma
condição? O medo, uma escolha?

Perdemos.

Vivemos sob o império daquele que nos tirou o poder

E que só encontra o poder em nós,

O medo.

Vencemos

As lutas contra nós mesmos e outros,

Enquanto contamos vitória de batalhas vãs

Contra quem pode nos salvar de nós,

Os loucos.

Roubamos,

Quando não podíamos mais ver

Quando não podíamos mais criar

Quando não podíamos mais comer

25 Quando não podíamos mais amar

O outro.

Matamos

A fonte de cada anseio

Genuíno e brusco

Velado, ofuscando qualquer voz.

A dor foi maior que a força

E o eu maior que nós.

Sangramos

Onde ninguém viu.

Nunca fomos tão longe

Nunca fomos tão fracos

Nunca poder foi tão vil.

A porta estava aberta

E algo fugiu.

Mas a porta está aberta,

Empoeirada, enferrujada,
Permanece calada e deserta,
Mas alguém viu!
Os olhos embebidos de alma.
Alguém riu
Dos limites feitos para manter a calma.
Alguém aplaudiu
A arte surrada pela vida
E a vida ferida pela arte.
Opa! Escapuliu.
Escapuliu-me à memória o que perdi.
Mas a porta está aberta
E cabe sair.



Houve um tempo em que recebíamos os monstros em casa

Houve um tempo em que recebíamos os monstros em casa
– Paloma da Silva Barreto

Biografia da autora: Sou jornalista e aluna de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRJ.

Resumo do texto: Trata-se de um poema que relaciona subjetividade e sociedade nas disputas de poder e relações de luta contra opressão.

Houve um tempo em que recebíamos os monstros em casa
e agradecíamos pela cordialidade.

No teatro da normalidade
a Farsa escreve o roteiro,
a Ignorância ensaia os atores,
o Narcisismo dirige o enredo.

Entre medíocres e covardes,
a Hipocrisia é um estilo de vida.
Pelo sagrado, obscenidades;
contra o profano, ira ungida.

28

Não vou mendigar por abraços sonsos,
nem vou retribuir aos sorrisos cínicos.
O Conhecimento é o meu guia;
a Liberdade, o meu destino.

Não temo do mundo as grosserias;
não me amedrontam os constrangimentos;
exalto a Justiça dentre as divindades
e em meio às versões, prefiro a Verdade.

Nature's bloodline

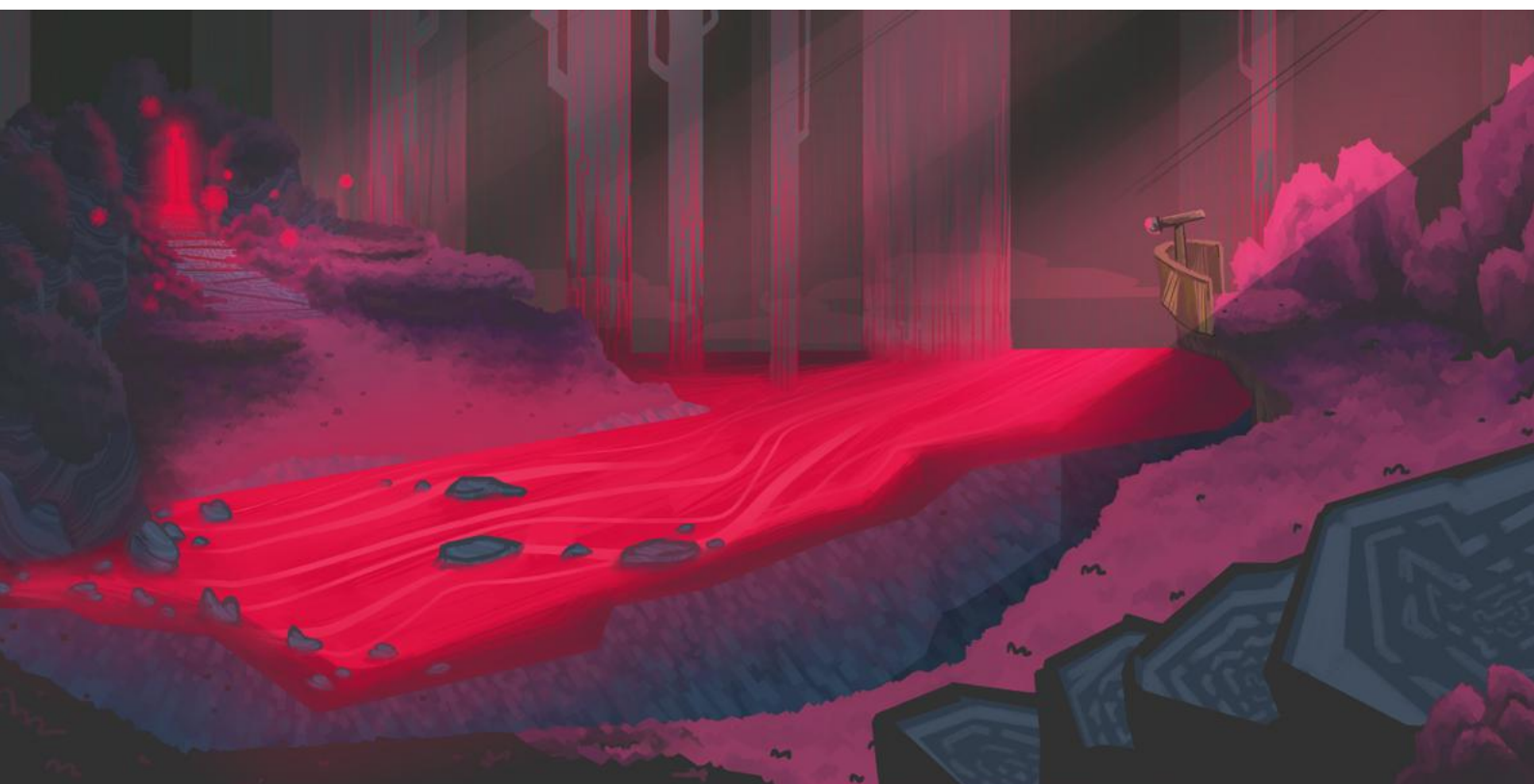


Nature's bloodline – Esther Borges

Biografia da autora: Esther Borges é estudante de Português-Inglês na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pesquisa os efeitos do processo de tradução na representação de personagens LGBTQ+ na literatura inglesa.

Resumo do texto: short lines about the flowing rivers that are veins

There is thunder in my mind,
Storms filled with mumbled lightnings.
The fogginess from the woods fills me up
And numbs my feet and fingers,
But the blood in my veins runs
As aggressive as the flow of the wild rivers.
Wolves will howl when I pass by
For the moon and stars shine
Behind my eyes.
I was not made to be touched.
I was not made to be controlled.
I am a force of nature, regardless.
So I cross my heart
And hope to die.
(I survive anyway.
Nature was not made to be destroyed)



Vinte

Vinte – Anna Luiza Cavalcante Ferreira Dias

Biografia da autora: Anna é estudante de Letras com habilitação em francês na UFRJ. Ela ama literatura, sonha em escrever e quer muito fazer mestrado em cinema.

Resumo do texto: Uma mulher percebe que algo está diminuindo seus poderes, e, então, resolve tomar providências pra tudo voltar ao normal.

Eu ainda podia ouvi-la implorar por sua vida medíocre enquanto a esfaqueava. Uma, duas, três, dez, vinte facadas. Cada uma me fazia sentir mais poderosa. Cada uma me fazia liberar todo o ódio que eu sentia dela. E quando tudo terminou, foi como se eu voltasse a ser a Estela Avelar de sempre.

Isabela apareceu, e eu ainda posso me lembrar de toda energia que veio dela. Era ela. A próxima. A que pegaria minha coroa, tomaria meu lugar, meu marido, minha vida, enquanto eu teria que fugir e me isolar, pra me aliviar da derrota que aquela fedelha prometia. Tão parecida no jeito comigo na idade dela. Tempestuosa, arrogante, esperta, manipuladora, e tão bela, mas tão bela, que eu me sentia a adolescente rejeitada que nunca fui, ao seu lado.

Os sinais de que tudo estava acontecendo eram absolutamente sutis. Meus cabelos, que sempre foram exemplo de vida e me renderam o título de embaixadora de uma marca grande de xampu, estavam caindo, opacos, quebradiços, as pontas lembravam árvores de filmes de terror. A pele jovial que cultivei por 50 anos estava sem vida e começando a ficar verde. De repente, as receitas começaram a dar errado, os planos começaram a ser frustrados, as pessoas começaram a me tirar coisas e entregaram de bandeja à Isabela. Eu tive três gripes seguidas, e logo depois uma pneumonia. E o meu amoroso marido, que eu vi olhando Isabela encantado já não era mais tão amoroso. Era oficial, eu estava perdendo meu poder, porque alguém mais jovem e muito melhor havia chegado. Precisava fazer algo, minha coroa não seria entregue de bandeja sem que eu fizesse algo.

O dia em que eu resolvi sumir com Isabela não foi bem planejado. Foi um impulso de uma mulher com raiva, que se sentia furtada de tudo, e não aguentava mais. Tudo nela me insultava. E o fato de, enquanto eu me sentia mais fraca e velha, ela parecer jovem e forte, só me fazia ter mais raiva. Apesar de tudo, havia uma coisa em que ela ainda não era superior a mim. Eu era mais experiente, e isso fazia com que ela ainda não desconfiasse que estava ali para tomar o meu lugar. Isabela me admirava tanto que não foi difícil levá-la pra uma cidade isolada, porque eu queria ter um dia de garotas. Também não foi difícil fazê-la permanecer ali até a cidade escurecer e não ter mais uma alma viva na rua. E não foi difícil convencê-la a ficar por uma noite e ficar naquele motel barato, de quinta categoria.

As primeiras facadas foram por cada uma das coisas que ela me fez perder. Depois disso, eu só queria terminar meu serviço. E quando as vinte foram dadas, eu rolei no sangue dela. Passei no rosto, no cabelo, até bebi todo aquele suco da juventude que saiu de Isabela. Depois de um banho, eu percebi que tudo que Isabela tinha me roubado havia voltado. Minha beleza, saúde, juventude, e, muito mais importante, meus poderes. Eu voltei a ser forte e imponente. E nunca mais nenhuma fedelha ameaçaria a minha coroa de novo.

um dia de trabalho

um dia de trabalho – Felipe Ribeiro

Biografia do autor: Graduando em Letras/Literaturas autor de *Amargo embargo*, *Tijolos de silêncio* e *O suor que sucede a febre* (no prelo).

Resumo do texto: Poema que retrata a rotina de um tipo específico de trabalhador brasileiro a partir de uma ótica de um eu-lírico completamente integrado ao sistema, mas já em processo de ruptura.

sonhei com um escritório
num dia nublado de julho
e cada palestra era um oratório
de como enriquecer de forma
desonesta,
não existem milionários
honestos;
pela janela se via
confusão jamais vista

mas eu estava vivo
uma revoada de balas
mas eu estava vivo

fui interrompido pelo chefe
sugerindo que minha ideia
fosse apresentada por ele;
eu não entendia
o valor das recompensas
- a maior era estar vivo

eu tinha amigos
com sorrisos de leopardo
mas eu não entendia
o descrédito

entre tantos me sentia
sempre devendo algo

por estar vivo
e viver nunca foi
tão letárgico e amargo,
pois afinal eu conseguia ir
para um bar
para qualquer passatempo
para me distrair, porque estava
vivo;
existir
é um grau menor que viver

35 e entre a revoada de pessoas
na janela que me via
alguém ouviu minhas palavras -
isso é meu agora vou até
o fim isso agora não dura
posso vou sei até -
mas ninguém pôde entender.

E o coração está em África

E o coração está em África –
Gustavo Tanus Cesário de Souza

Biografia do autor: Poeta. Doutorando em Estudos da Linguagem/Literatura Comparada (UFRN). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, Bacharel e Licenciado em Português e Bacharel em Edição por esta mesma universidade. Pesquisador e integrante da comissão editorial do literafro – portal da literatura afro-brasileira, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG). Cofundador e pesquisador do Moviola – grupo de pesquisas intersemióticas/intermédias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

Resumo do texto: poema épico contemporâneo

Ao poeta santomense,
Francisco Tenreiro.

De coração em África
me exaspera ignorá-la
diante da certa imagem
estável e segura
de que raiz não perfura terra seca.
Decerto esta condição de África
(sou todo eu um defeito)
se põe aos outros
que, em bom recalque,
esqueceram a sua palavra e
se estabeleceram sádicos
em arranhar o giz do mesmo
ao quadro negro,
a que se escreve
um silêncio de
desconheço-te, África,
ignoro suas histórias,
não os reconheço irmãos,
nem estes estranhos batuques a que fazemos caricatura.
Tinge-se em cores burlescas,
que nos veste a ignorância
em que visto da mais galante estupidez e
fazendo críticas por suas condições gestadas pela cegueira sobre este nosso próprio quintal:
apenamo-nos por suas dores.
Decerto esta condição de África
(um todo defeito eu sou)

se põe aos outros
que em boa esquivada,
desviam do vestígio,
apagam o sinal que lhes dá origem,
negam negam négo
até que se esqueça aquilo de que se nega.

De coração em África,
dois crimes:

não há sertão, o interior, o mato longe –
existe só beira (onde lhes parece mais seguro)
e os desertos de dores.

Deste contorno perimetral,
périplo a uma África qualquer,
de uma só paisagem, que mascara as de Sael,
que branqueia o Nilo,
e aniquila os corpos, história, cultura, tecnologias
bantas.

Logo vê das savanas, roças,
matos, ilhas,
entre as serras, o mar e as planícies,
objetos-peças coisas-mercadorias.

E se o coração está em África,
este desconforto que não se pronuncia,
porque não é permitido estar em África,
porque é desconhecido estar em África,
porque estar em África é afirmar que
não se está aqui
frustrado

por um desejo de estar, na metrópole, no reino.

E o coração está em África,

nesta África grotesca,

a ferro e fogo, criada pelo ocidente,

a traço e desenho, gestada por Europa,

a laço, grilhão,

África cuja imagem se forma pela ausência dos irmãos,

trazidos a navio e mantido presos,

[que não sou eu, por eles, os outros, não por mim, não por mim, não por mim...

E o coração está em África,

em desespero que não se soletra,

por estar no contorno raso da tela,

nos limites superficiais dos mapas.

Caminhos palmeados desde aqui,

sem sabê-los,

rumo profundo sulco destino,

da paleta de cores que brilham, África que escapa

aos tons primevos de

[uma veraz saudade sentida de coração em África.

Da travessia do seu corpo pelas beiradas,

faúla limite, fez volta contornou o périplo

orgulho de uma qualquer épica que

sem hesitar guiara à ação de devassá-la África,

escondendo sujeira da violência,

e sem alarde, violara

todos os povos

[de Benim, de Gabão, São Tomé, Angola, Moçambique, Congo...

E o coração está em África,
nesta África que guarda
escondida na terra
suas origens
e princípios
para depois das nossas guerras,
e que aqui ao peito segue indolente,
porque o inimigo,
pelo óleo negro, pelo brilho da pedra,
pela menga, inteligências,
se fez amigo e
convenceu de que eram irmãos,
de que não éramos irmãos, de que eram aliados,
[de que éramos rivais, e inimigos e amigos, aliados, irmãos...
Desta lida, deste engano certo, disto,
Impossível despir o juízo doente
Que põe cerca nas terras
muros entre pessoas,
e planta minas terrestres,
ornando lápides a emparedar as vivências.
A voz e pensamento certos,
certeiros, retornam, porque livres
unem-se ao estranhamento
causado por um descobrir
este diáfano e opaco véu colonial.
Minha voz e pensamento
Vão crescente, crescendo, a crescer em
desconheço-te, África,

conheço seus povos por bandeiras europeias
de serras e matos falseados,
e ignoro seus impérios e suas nações gloriosos,
a conhecer estados de monstro subdesenvolvido,
de outros que, acaso calçam-se cores da terra,
calcam pés numa ficção imposta;
Esmagariam, assim, as narrativas das circunstâncias,
hipocrisias e falta de caráter,
dadas por cláusulas de contratos

[aid for Africa.

África, pontos cardeais inomináveis,
de atlas esquecido,

[à propósito de olvido,

escorre américa trigueiras lágrimas escondidas
a duzentos, trezentos,
trezentos e cinquenta
quilômetros por hora de uma velocidade encoberta,
deixando-nos de coração a ficar mais só, mais só, tão só,
a sós em um mundo cândido repleto de próprios,
que não somos nós próprios, senão nós,
esses embaraços de unidades que impeçam a comunidade.
Corpo presente nesta América de banalidades cruéis
que flagelaram, primeiro a alma dos africanos,
por lhes retirar a terra, depois violaram as texturas;
forçando-os ao esquecimento;
e, na tentativa de abrandar o homesick,
a que banzo,
mataram a casa,

arrebentaram o muntuê,
açoitando corpos até que o espírito
 amainasse África, numa razão doente.

porque não foi permitido estar em África,
porque não foi permitido ser África,
estar em África não foi permitido,
não foi permitido, ser África.

Mas se o coração vem África,
bem imaginássemos ao mirar o céu
que tão logo haveria trânsito
correntes de vento que balouçassem a palha.

– Atotô, Tata.

42

E este sol de fé,
escaldante calor requeimante,
meiodia
que abrasa a terra e abraça o corpo.
Em África, zara tempo,
 tempo zara,
das cartas dos cadengue de Kilelemu,
redes que enlaçam,
aqui e lá,
ixí
duílo,
corações, pensamentos
momentos, histórias,
Salve o tempo de contemplá-la África
com a pele e o corpo,
de venturas

D'accord, até a próxima missa

D'accord, até a próxima missa – Eduardo Costa de Mancilha

Biografia do autor: Graduado em antropologia.

Mestre em antropologia. Atualmente trabalha com Comunidades de Terreiro (religiões de Matriz Africana ou Afro-brasileira) na interface com as políticas públicas de patrimônio cultural. Adepto do Candomblé, nação Angola. Possui interesse em literatura marginal e escrita experimental. Imerso no meio musical, tenta transportar este universo para a poesia através da sonoridade das palavras. Acredita no poder transformador dos pensamentos não hegemônicos, e por isso os temas tratados nos poemas perpassam pela diferença cultural, transgressão e loucura.

Resumo do texto: Poesia sobre colonialidade.

Chumbo, graxa e serragem. Dez dias de tremores. O coração latino destroçado em ferragens. A linguagem boiando numa poça férrea. Um atlas miúdo soterrado sob os joelhos. Citando de cor, língua branda imutável, com todos os riscos escondidos nas folhagens. Vocação de cores quentes e a tendência de tonturas elípticas, apesar das linhas telefônicas se juntarem ao blackout. Imerso na lama agridoce, fazendo-se sopa nas canelas arrebetadas e trêmulas. Rastejando em público, pouco bíblico, suplicando... fazendo alusão, escondido no sótão, como se fosse a última cinza batida na janela. Visualizei tratados mornos entre apertos. Palitando a coronária – e que diabos é isso? Entornando as calçadas vermelhas em minha blusa. Um mercúrio ácido de plantações vulgares nas costas oceânicas do centro-oeste. Tão secas quanto as estradas sem destino e motores perpétuos semeando o ódio. Guerras particulares estourando nos quintais, como se não tivéssemos nossos próprios corredores de Nacala. Podei a acidez, assegurei as tréguas, escondi meus tesouros. Cochilando entre ciclos movediços. Disfarçar nunca, rachando becos, trazendo dissabores repentinos. Fui lá espiar o inconcebível, saboreando um café indiano inundando de pó, tal qual um cheiro tépido serpenteando agudo nos trovões de brinquedos bélicos. Uma maré de rua impregnada nos calcanhares. Acerto de conta com os movimentos diários. Hoje não, talvez, quem sabe, quando o céu abrir de novo e a chuva levar sem censura. Evitando contato visual, acomodando o reflexo das escamas e das peles novíssimas tiradas de arquivos ultrassecretos.

--

O caos ressurgiu pontual na maré fétida das Américas. Entre esconderijos, sempre me busque nas vigílias; sou absurdamente generoso ao seu mundo. A madrugada vibra silenciosa; respiramos ritmados enquanto o ar arrepiava as esquinas da carne. Vibremos um manifesto de espera... um mergulho atento as correntes de opinião. Um chiado ultramarino pelos satélites. “Tem boi na linha?”. “D'accord?”. “Alfabetização cheirando a homem da terra”. “Aló, aló, aló, goriliz again?”. Desligo suando frio, as mãos úmidas mal conseguem segurar o telefone. O vizinho cai na lata de lixo, chiados agudos sobem as escadas. Cápsulas mergulhadas em saliva. Subjetividades batidas no liquidificador. Quantas vezes ouvi sobre uma Nova Lisboa? E vi Cravos gotejando debaixo das unhas e o canto de Barcelos preenchendo os bairros de lata. Retornei a chamada e um canto de sabiá prometeu que dessa vez só sangraria o necessário até chegar a próxima missa.

O voo de Lib-El

O voo de Lib-El – André Barbosa Ribeiro Ferreira

Biografia do autor: Mineiro, vinte e seis anos, geógrafo e atualmente doutorando em geografia pela Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro.

Resumo do texto: “O voo de Lib-El” conta a história de um romance real, seus percalços e desfechos. O texto é narrado através de uma narrativa atemporal e codinomes criados a partir da inversão, junção e iniciais dos reais personagens.

Quando um livro se fecha, é uma história que se acaba. As histórias vividas, diferente das escritas, não podem nunca mais ser revividas nem alteradas, mas as histórias escritas, mesmo que sem dor ou alegria. Ah! Essas eternizam e viram rima, lembrança e sorriso. Por isso escrevi, num momento passado e não sem dor, a história de Lib-El, para quando ele se fosse de vez a história pudesse deixar de ser vivida e se tornar apenas poesia. Então foi assim...

Lib-El chegou trazendo a luz em seus olhos verdes. Era uma manhã de outubro, dia ensolarado, avistei-o com seus óculos redondos, armação grossa e os cabelos intactos em sua pretidão. Foi uma troca de olhar mútua. Eu precisava me aproximar de Lib-El, mas naquele momento eu nem sabia seu nome, nem sua procedência. Nunca havia visto um sorriso tão lindo e uma boca tão marcante.

No dia seguinte, estava eu no mesmo local e horário. Tinha certeza que Lib-El voltaria, afinal ele se despediu com os olhos no dia anterior e em cada uma das curvas do caminho, ele retornava o olhar para janela que dava para o salão onde estávamos. Lib-El era hipnótico.

Naquele dia, consegui o contato do dono daqueles olhos verdes. Começamos a conversar e aquela conversa me deixava eufórico, havia um desejo extremo de me aproximar, de olhá-lo de perto, de beijar sua boca. Assim se fez, em meio aos corredores movimentados e em clima de manifestos contra o golpe parlamentar que havíamos sofrido recentemente. Entrei com Lib-El em uma sala vazia, ou melhor, repleta de mapas, mapas que coincidentemente compuseram nossa primeira música: *“Descreva pra mim sua latitude, que eu tento te achar, no mapa-múndi, lalaiá lalaiá”*. Depois daquele beijo, Lib-El viajara e eu só o revi uma semana depois.

Era quase meados de novembro, aquele lugar onde estávamos era repleto de jabuticabeiras carregadas de frutos. Assim, com a desculpa de vê-lo, resolvi presenteá-lo com aquelas insignificantes jabuticabas, pretas como seus cabelos. Nesse dia tive suas maiores demonstrações de carinho. Lib-El, mesmo aparentando cansaço, me olhava de forma tão intensa que toda minha autoconfiança se diluía em seus olhos.

No dia seguinte viajei, mas mantivemos contato quase que diário. Lib-El sempre tirava dúvidas comigo, afinal era novo na cidade e estaria ali temporariamente em um estágio no laboratório dos alquimistas. Mentira! Lib-El era quase médico e estagiava no hospital daquela pequena grande cidade interiorana.

Após cinco dias, retornei e Lib-El não me saía da cabeça, eu precisava vê-lo. Naquele final de tarde, arriei o primeiro cavalo e dispus-me a cavalgar até a estalagem onde Lib-El se encontrava. Era um lugar afastado e com recorrentes casos de furtos. Chegando lá, não sabia em qual quarto Lib-El havia se instalado e também não perguntei a ninguém. Sentei-me e pus-me a esperar. Sabia que uma hora ou outra Lib-El abriria alguma porta e viria a meu encontro. Não demorou e em alguns minutos ele surgiu no corredor, vestido com uma bata branca e portando, na mão, um copo de vinho. Naquele instante, meu coração tremeu. Lib-El me olhou numa mistura de alegria e surpresa, deu-me a mão para levantar-me, um abraço terno e logo um beijo.

Aquela foi nossa primeira noite. Coloquei Lib-El junto a mim no cavalo e o trouxe para minha casa.

A partir daquele dia, nada mais foi igual. Encontrávamo-nos quase que diariamente após aquela noite quente, em que fumamos e cantamos as mesmas canções por horas. Estávamos nos descobrindo com uma rapidez tão grande que chegava a me dar medo. Eu estava a par de cada insegurança que ele tinha e de cada centímetro de seu corpo. Dalí por diante, deixei meu medo de lado, meus traumas, e resolvi me entregar inteiramente àquele sentimento e ao que Lib-El me proporcionava. Aos poucos fomos ficando cada vez mais íntimos. Eu havia conhecido seus amigos e ele os meus. Saímos juntos, dávamos as mãos e a cada vinda para casa era uma tentativa nova de conquistar o dono daquela boca que eu fazia minha.

As semanas se passaram e aproximava-se a época em que Lib-El teria que ir embora. Aquela situação foi me deixando apreensivo. Por mais que o vilarejo onde Lib-El morava fosse perto de Campana del-Rei, três dias a cavalo, dois a pé e algumas horas de jangada, eu tinha medo de que ele se esquecesse da gente.

O dia chegou. Lib-El estava de malas prontas e eu de coração partido. Pus-me a colocar suas bagagens na carruagem, que logo partiria e levaria consigo meu Lib-El. Era uma tarde fria, o tempo havia mudado de repente, os pingos de chuva e o vento me faziam sentir ainda mais vazio. A única forma de aquecer meu sentimento aquele dia era ter Lib-El junto a mim.

Alguns dias depois, Lib-El viajaria para terras distantes, seria um mês até reencontrá-lo. Era época das festividades natalinas, então, também viajei para rever meus familiares. Em meados de janeiro, Lib-El retornara. Eu não consegui conter a ansiedade em vê-lo. Assim pus-me a caminho da Vila do Divino e por lá fiquei por cinco dias na companhia de Lib-El. Ao vê-lo, meu coração parecia que saltava, minhas pernas estavam tremulas e um calor inexplicável surgia dentro de mim com a ânsia de tê-lo agarrado em meus braços e ali sermos um só. Dados os cinco dias, retornei à Campana del-Rei com aquele mesmo aperto no peito e a sensação de que Lib-El já não demonstrara o mesmo fervor de antes. Era um misto de sentimentos que me assombravam, no entanto, tentei contê-los, pois poderia ser apenas “minhocas” na minha cabeça.

Passado alguns dias, notei que nossas conversas haviam se tornado mais espaçadas, todavia busquei entender a situação na qual Lib-El vivia. Foi quando numa noite de quarta feira nos falamos e Lib-El demonstrou-se vazio do sentimento que faziam seus olhos brilhar. Naquele instante, mesmo não o vendo, imaginei seus olhos cinzas e não verdes. Seu olhar havia mudado, o tom da sua voz não soava da mesma forma e as palavras que dizia possuíam arestas que me machucavam.

Dois dias depois, estava eu novamente na Vila do Divino. Eu tinha certeza que ali findaria nossa história que começara naquela troca de olhares tão intensa. Tentei entender e convencer Lib-El de todas as formas, mas já não havia o que ser feito. Então, com um abraço quente e corpos nus, despedimo-nos, abraço que até hoje, ao fechar os olhos, consigo sentir e me

recordar do cheiro de Lib-El, assim como cada centímetro do seu corpo, sua pele branca como algodão.

Daquele momento em diante, em meio à saudade e um emaranhado de sentimentos, busquei entender e aceitar que Lib-El era pássaro solto, ave Cantareira que vai pela estrada. Lib-El foi minha maior saudade! Seu sorriso e sua voz nasal, minhas maiores nostalgias!

Um ano se passou e não voltei às jabuticabeiras, nem à estalagem. O tempo passou e há muito não vejo Lib-El, não tenho notícias e também não as procuro. Seus únicos vestígios são as lembranças e essas são só minhas.

Onde quer que esteja, apenas torço para aquele pássaro de que tanto gostei e nunca esqueci, torço para que ele tenha consigo mesmo todo o cuidado e carinho que um dia eu o tive. Diferente de *'Diadorim'*, do célebre Guimarães Rosa, Lib-El deixou de ser apenas sentimento meu e virou nome, que virou poesia.

o führerbunker

o führerbunker – Felipe Ribeiro

Biografia do autor: Graduando em Letras/Literaturas autor de *Amargo embargo*, *Tijolos de silêncio* e *O suor que sucede a febre* (no prelo).

Resumo do texto: Através de uma ótica dos últimos dias de Hitler, o poema reflete o objetivo da guerra e suas consequências para os poderosos e para os oprimidos.

*Der fisch stinkt vom kopf her¹/
Dummheit und Stolz wachsen auf einem Holz²*

A grande dádiva ao perder
uma guerra
é não poder ver o sol
embaixo do solo,
assistir ao espostejamento
de uma ideia
alçando voo em caças
pairando sob os cabeças
- todos abatidos -
do juízo final.

A grande conquista ao perder
uma guerra
isolado num führerbunker
não é arrependimento
(esteja certo)
mas o medo certo
do vexame, do exame
corporal do inimigo
- o mocinho -
que se vilão fosse ensinaria

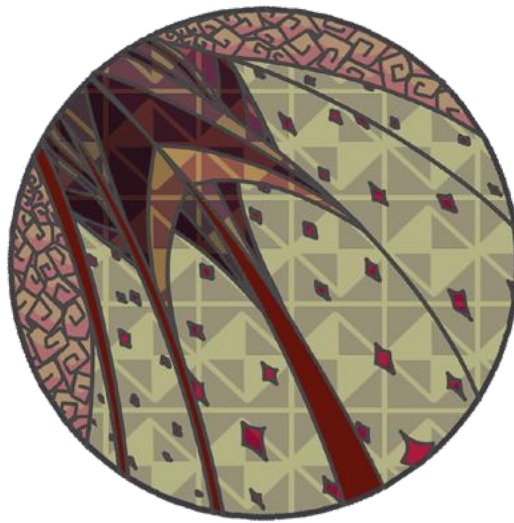
ao führerbunker
como construir abrigo
acima do céu, da caça
e que a dádiva ao perder

¹“O peixe começa a feder pela cabeça”

²“Estupidez e orgulho crescem da mesma madeira”.

uma guerra
é o isolamento o exílio
do orgulho
e que a última clemência
chega tão-somente dos sonhos
mortos que (por piedade)
povoam o führerbunker
e seus filhos com sono de amêndoas.

Eu vi os anos passarem como a névoa



Eu vi os anos passarem como a névoa – Eli “e.l.” Lemos

Biografia da autor: Graduando em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela UFRJ, gosta muito de literatura, cinema e música e percebe a arte como uma possibilidade à informação, ao acesso e ao pertencimento. Arrisca nas horas vagas maneiras de brincar com a narrativa e o silêncio.

Website do autor: <https://medium.com/@elilemos>

Resumo do texto: A temática segue a crise do sujeito vulnerável numa sociedade dominada pelos privilégios que matam nessa passagem do tempo que vem depressa. Mostra que as narrativas são capazes de matar e silenciar, assim como garantem o grito para o re(x)istir das minorias de direitos. are veins

Eu vi os anos passarem como névoa, e vi
o sangue das mulheres no meio-fio,
e o conceito de feminino
ser usado como fraqueza
para fortalecer o masculino
quando este era o fraco inseguro:
precisava oprimir para gozar de um
ego doente

Eu senti a fala do velho
convidar ao novo
a repetir os mesmos erros do passado
num filme mudo – preto e branco
no Cine Odeon em
25 de maio de 2018,
dia da violência fardada
de falo patenteado que
quanto maior o poder
maior a p...

Eu ouvi a sonoridade de pedidos por mais
amor e liberdade na Cinelândia, quando um
político-militar decidiu às desoras
assistir a apresentação
nove mil duzentos e vinte e oito
da versão de Macbeth no Teatro Rival em
16 de fevereiro de 2018

enquanto ignorava
a travesti que
morria mais um dia
pela violência do adoecimento masculino.

Eu pisei no sangue do menino
que escorria do morro, que foi
assaltado e tomado por armas,
enquanto a educação e a saúde
desapareceram
na caixa de Pandora, na peça do dia
20 de maio de 2018,
intacta,
junto a esperança do sangue ser de
mentira, como as sombras que
inebriam e somem com o cantar de
Ligeia enquanto escorre a noite.

E uma veia minha no pescoço começou a pulsar
freneticamente.

Achei que fosse ter um derrame.

Felizmente não tive, mas
sinto que eu perdi alguma coisa.

Talvez seja algo que não dê para notar fisicamente

algo no pensar deles se alastra vagorosamente
como uma mente que entra na norma
de Outros que deixaram um legado
em que a maioria já está morta.

Guiados por milhares de cadáveres que nos perseguem
nos alimentamos de sobras discursivas
de um conservadorismo venenoso
que te sugere que seja livre
desde que...

Vem cá que eu vou te mostrar quem é essa américa:

56

américa! da liberdade normativa...
américa! da marginalização da criatividade...
américa! da atividade de coerção...
américa! da discursividade vestida de prisão...

Matar as minorias – tudo bem
que isso vira brincadeira
pra privilégio render

Quero ver a minoria
ousar tentar matar
um cadáver discursivo...

[*através do*]

silêncio

coersivo

da

liberdade

criativa

[NÓS GRITAMOS!]

isso é américa.

[vocês nos ouvem?]



Diga ao forte: “és fraco”

Diga ao forte: “és fraco” – Jean Carlos da Silva Gomes

Biografia do autor: Licenciado em Letras: Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudante do mestrado em Linguística pela mesma universidade. Bolsista do CNPq.

Resumo do texto: A fortaleza do fraco é dizer ao forte “és fraco”.

Diga o fraco: “eu sou forte”

Joel 3:10b

Diga o sábio: “sei pouco”

Humildades 2:15

Diga o néscio: “eu sei”

Estultos 1:54

Diga o prudente: “não posso”

Sabedorias 7:34

Diga o imprudente: “sempre posso”

Insensatez 9: 62

Diga o igual: “sou diferente”

Ludíbrios 5.98

Diga o diferente: “devo ser como todos”

Pressões 3:24

Diga o inteligente: “investigo”

Criticidade 7.41

Diga o tolo: “já ouvi falar”

Redes Sociais 34.25

Diga o tranquilo: “tenho medo”

Temores 3.56

Diga o violento: “minha força protege”

Armamento 7.89

Diga o rico: “é mérito”

Jargões 6.2

Diga o pobre: “eu luto”

Lutas 5.7

Diga o branco: “eu sofro”

Reversos 43.2

Diga o negro: “sou mudo”

Preconceitos 9.34

60

Diga o latifundiário: “sou índio”

Lavoura 12.3

Diga o índio: “sou morto”

Demarcações 3.2

Diga a gente de bem: “sou família”

Altruísmo 10.1

Diga a família: “socorro”

Pesares 8.34

Diga o inocente: “sofri”

Incompreensões 7.6

Diga o culpado: “ela provocou”

Escusados 4.98

Diga o fantoche: “sou liberto de expressão”

Achismos 3.7

Diga ao crítico: “és um fantoche”

Incompreendidos 3.5

Diga ao forte...

Diga que ele é fraco,

Diga que ele não pode,

Diga que ele nunca poderá

61 Diga que ele deve ficar onde está

Diga que ele não será forte

Diga que ele perde

Diga ao fraco...

Brasil 2019

Em Torno da Dialética entre a espada e a palavra

Em Torno da Dialética entre a espada e a palavra –
Vinícius Bandera

Biografia do autor: Pós-doutorado História Social (USP). Doutorado Sociologia (UFRJ). Mestrado Ciência Política (UNICAMP). Graduação Ciências Sociais (UFF). Graduação História (UFF). Autor dos livros *Ordenação social no Brasil: liberalismo, cientificismo e “menores abandonados e delinquentes”* (Ed. UFRJ); *Náufragos da fé* (Laço Editorial); *Mulheres da vida* (Multifoco) e *A genealogia em Foucault: do poder baseado na soberania ao poder panóptico* (NEA Edições). Professor universitário.

Resumo do texto: A presente dramaturgia está inspirada – e não baseada – na peça teatral *O mendigo e o cachorro morto*, de Bertolt Brecht. A intenção precípua é defender a hipótese de que a vida humana está constantemente condicionada por disputas que têm por finalidade a imposição de uma dominação de indivíduos sobre indivíduos e de classes e grupos sociais sobre classes e grupos sociais. Essa disputa acontece pela violência da espada e/ou pela astúcia da palavra, sendo que, ao longo do processo civilizatório, a palavra sobrepujou a espada, colocando-a a seu serviço, com a função de garantir, em última instância, a ordem construída pela palavra. Os seres humanos vêm vivendo, ao longo da história, envolvidos na dialética entre a espada e a palavra, e dessa dialética resulta a dominação de uns sobre outros. Na peça aqui apresentada, vemos uma disputa entre a espada, representada pela imperatriz, e a palavra, representada pelo mendigo. Ambos estão em um momento inicial de disputa, no qual a imperatriz tem um poder bem maior. Entretanto, com a dinâmica da disputa, o mendigo leva vantagem ao trazer a imperatriz para a sua condição humana de miserabilidade, na qual a imperatriz é destituída da espada ao ser transformada em uma prostituta de baixo nível, sob o comando e dependência do mendigo, detentor do poder maior que é o poder da palavra. Diferentemente da peça de Brecht, o nosso mendigo não é cego, pois entendemos que se o deixássemos cego ele teria enfraquecida a sua compreensão e sua posição de ser a palavra ativa a disputar com a espada também ativa.

01. EXTERNO. PALÁCIO – ENTRADA – DIA

Ouve-se a música *Adágio Assai* (Beethoven).

Na imensidão do céu claro, algumas nuvens sofrem metamorfoses contínuas, à deriva. O pórtico do palácio destaca-se com imponência.

Ouvem-se salvas de canhão, misturadas à música de Beethoven.

De repente, como que surgida do nada, aparece a imperatriz, vestindo um manto imperial, tendo uma coroa enterrada na cabeça, o que provoca sangramento, deixando aparecer manchas de sangue coagulado.

Ela lança lentos olhares imperiosos para os lados até deter-se e fitar a sua dianteira com um ar superior. Deixa-se ser cultuada por um mundo imaginário de súditos.

Repicam sinos e tiros de canhão ecoam para saudá-la.

Corta-se a música (*Adágio Assai*).

A imperatriz olha pela primeira vez para baixo e vê algo que a desagrada. Mostra-se contrariada, mas sem perder a elegância imperial.

Imperatriz – No momento em que vou celebrar o meu triunfo sobre o meu maior inimigo, quando o país mistura meu nome com o fumo negro do incenso, há um mendigo deitado diante da minha porta, fedendo à miséria. Mas, em meio de grandes acontecimentos, convém conversar com o nada. Homem, você sabe por que dobram os sinos?

64

Deitado no chão, a poucos centímetros dos pés da imperatriz, o mendigo fita o céu como se acompanhasse as nuvens, indiferente à pompa em torno dela. Depois de um breve tempo, ainda deitado, colocando as mãos sobre a cabeça, ele responde à imperatriz, continuando a demonstrar indiferença.

Mendigo – Sim, eu sei por que os sinos dobram. Meu cachorro morreu.

Imperatriz – Isso foi uma insolência?

Mendigo – (*arrumando seus andrajos, sem olhar para a imperatriz*) Não! Foi velhice. Aguentou até o fim. Eu pensava: por que as patas dele tremem assim? Ele tinha apoiado as da frente no meu peito. Ficamos deitados assim até a morte, mesmo quando começou a esfriar (*senta-se no chão, ficando quase entre as pernas da imperatriz*). Mas de madrugada ele já estava morto e eu o afastei de mim. Agora não posso mais voltar para casa, porque ele está apodrecendo e cheira mal.

Imperatriz – Por que você não o joga fora?

Mendigo – Não é da sua conta! Agora você tem o peito oco como um buraco no esgoto, pois fez uma pergunta boba. Todos fazem perguntas bobas. Perguntar já é bobagem!

Imperatriz – Mas mesmo assim vou continuar perguntando: quem cuida de você? Porque, se não tem quem cuide de você, vai ter que ir embora, aqui não se pode admitir carne podre nem gritaria.

Mendigo – Eu estou gritando?

Imperatriz – Agora é você quem está perguntando, embora com certo sarcasmo que não compreendo.

Mendigo – Sim, isso eu não sei, porém se trata de mim.

Imperatriz – Não faço caso de você. Mas quem cuida de você?

Mendigo – De vez em quando, um menino, que um anjo fez na mãe dele enquanto ela colhia batatas.

02. INTERNO. PALÁCIO – SALÃO DE REFEIÇÃO – DIA

Uma mesa farta. Um banquete: dois frangos assados, farofa, frutas diversas, taças, vinhos ... Mendigo arranca com a mão a coxa de um frango e a come como um animal esfomeado. Imperatriz, com elegância, tira suas luvas finas, depois segura um cacho de uvas. Tira uma uva e a come com bastante etiqueta. Olha para o mendigo com reprovação e nojo, mas esforçando-se por manter a classe. Mendigo coloca vinho em uma enorme taça. Toma o vinho com uma mão, enquanto pega outra coxa de frango com a outra. Come o frango. Lambuza-se de frango e vinho, o qual se derrama sobre sua roupa esfarrapada. Imperatriz o interroga:

Imperatriz – Você não tem filhos?

Mendigo – Foram embora.

Imperatriz – Como o exército do Imperador Ta Li, que as areias do deserto engoliram?

Mendigo levanta-se e fala enquanto anda. Com uma mão, come o frango; com a outra bebe vinho.

Mendigo – Ele atravessava o deserto e os seus homens disseram: é longe demais! Volte, Ta Li. E ele respondia cada vez mais alto: esta terra precisa ser conquistada. Marchavam todos os dias até gastar os sapatos, então sua pele rachou, e continuaram marchando de joelhos. Uma vez, um tufão derrubou um cavalo deles. Ele morreu diante dos olhos de todos, uma vez chegaram a um oásis e disseram: isto faz parte de nossa conquista. Aí o filhinho do Imperador caiu numa cisterna e se afogou. Guardaram sete dias de luto, a dor que sentiam era infinita. Uma vez, viram mais cavalos morrerem. Uma vez, as mulheres não puderam mais segui-los. Uma vez, chegou o vento e a areia cobriu a todos, e então acabou tudo e voltou o silêncio, e a terra foi deles, e eu esqueci o nome deles.

Imperatriz – Como é que você sabe disso? Está tudo errado. Foi bem diferente.

Mendigo – Quando ele era tão forte que eu parecia seu filho, fugi, porque não permito que ninguém me domine.

Imperatriz – De que você está falando?

Mendigo começa a declamar o trecho final da peça *A exceção e a regra* (Brecht), encaminhando-se para sentar-se. Vez ou outra, dirige o olhar cúmplice à plateia.

Mendigo – “Assim termina a história de uma viagem que vocês viram e ouviram (*olha para a plateia*). E viram o que é comum e o que está sempre ocorrendo (*senta-se no mesmo lugar de antes*). Mas a vocês (*olha para a plateia*) nós pedimos: no que não é de estranhar, descubram o que há de estranho! (*Imperatriz atenta ao que o mendigo diz*). No que parece normal, vejam o que há de anormal. No que parece explicado, vejam o quanto não se explica. E o que parece comum, vejam como é de espantar. Na regra, vejam o abuso. E onde o abuso apontar, procurem remediar!”

Após declamar, exausto e bêbado, ele deita a cabeça sobre o prato, onde estão os ossos de frango e demais restos de comida. Dorme. Imperatriz observa-o com indiferença, por um instante. Em seguida, pega uma bolsa (moderna) embaixo da mesa, coloca-a sobre a mesa, afastando pratos e talheres, tira um espelho e um estojo de maquiagem, passa batom nos lábios, maquia-se, indiferente ao mendigo, que continua dormindo com a cara no prato.

03. EXTERNO. FLORESTA COM BASTANTES ÁRVORES – DIA

66

Ouve-se uma música silvestre, semelhante àquelas usadas para meditação.

Na floresta densa, há um atalho principal e vários atalhos secundários. O sol penetra por entre as árvores, tingindo o ambiente de uma luz difusa e evanescente. Passarinhos voam de galho em galho. Um ou outro animal silvestre aparece e desaparece.

De repente, aparece o mendigo, com a mesma roupa, saindo de uma ramagem e encostando-se em uma árvore. Olha para cima, contemplando o firmamento e fala como se estivesse falando sozinho.

Mendigo – Passavam nuvens. Perto da meia-noite apareceram estrelas. Depois foi tudo silêncio

Imperatriz – (*saindo do meio do mato, onde estava escondida*) As nuvens faziam barulho?

Dialogam sem se olharem. Diálogo introspectivo, interiorizado.

Mendigo – (*entrando no mato, andando em torno de uma árvore, desaparece depois aparece*) É verdade que morreu muita gente nas cabanas sujas perto do rio que transbordou na semana passada; não conseguiram atravessar.

Imperatriz – (*andando com as mãos para trás*) Já que você sabe tudo, você nunca dorme?

Mendigo – (*andando, passando por ela sem olhá-la*) Quando eu me deito em cima das pedras, a criança que acabou de nascer chora. E então sopra um vento novo.

Imperatriz – (*andando por um atalho da floresta*) Ontem à noite, o céu estava estrelado, nin-

guém morreu perto do rio, não nasceu criança nenhuma, não soprava nenhum vento.

Mendigo – *(seguindo a imperatriz)* Então você deve ser cega, surda e ignorante. Ou é maldade sua.

Imperatriz e mendigo ficam por um tempo em silêncio, observando algo na mata. Andam na ponta dos pés em busca desse algo. Ela põe o dedo nos lábios, pedindo silêncio. Depois, ela se volta, passando pelo mendigo, deixando-o a observar o algo.

Imperatriz – *(descendo um atalho, afastando ramos da folhagem)* O que você faz o tempo todo? Eu nunca vi você. De que ovo você saiu?

Mendigo – *(em cima de uma árvore, descontraído)* Hoje percebi que este ano o milho está ruim porque não choveu. Um vento tão escuro e quente sopra dos campos.

Imperatriz – *(abraçando a árvore em que está o mendigo, olhando para ele lá em cima)* É verdade. O milho não está bom.

Mendigo – *(olha para ela e às vezes para alguns pontos na floresta)* Assim aconteceu há trinta e oito anos. O milho torrou ao sol e, antes que morresse, caiu uma chuva tão forte que apareceram ratos e devastaram todos os outros campos. Depois entraram nos povoados e mordeceram as pessoas. Esse alimento matou os ratos.

Imperatriz – *(olhando para cima, para o mendigo, e gritando com sarcasmo)* Nunca soube nada disso. Deve ser também invenção sua, como todo o resto. A história não fala nada disso.

Mendigo fica introspectivo, indiferente ao rancor da imperatriz. Olha para o firmamento como que querendo obter alguma resposta para os seus questionamentos interiores. Olha para baixo, a imperatriz já não está no lugar onde estava.

Mendigo – *(olhando para a frente)* Não existe a história.

Imperatriz – *(aproximando-se do mendigo para falar-lhe quase ao ouvido)* E Alexandre? E César? E Napoleão?

Mendigo – *(voltando-se para a imperatriz, que se afasta)* Histórias! *(tornando a olhar para frente)* Quem é esse tal de Napoleão?

Imperatriz – *(deitando-se no banco, olhando para a plateia)* Aquele que conquistou metade do mundo e sucumbiu pela própria soberba.

Mendigo – *(olhando para a imperatriz)* Isso é coisa que só dois podem acreditar: ele e o mundo. É falso! A verdade é que Napoleão era um homem que remava numa galera e tinha uma cabeça *(olhando para a frente)* tão grande que todos diziam: não podemos remar porque sobra muito pouco espaço para os nossos cotovelos. Quando o barco afundou, porque não remavam, ele encheu a cabeça de ar e se salvou, só ele. E, como estava acorrentado *(deitando-se no banco)*, teve de continuar remando, não via para onde e todos tinham se afogado. Então, pensando no mundo, ele abanou a cabeça, e, como era pesada demais, ela se desprende.

Imperatriz – Essa é a maior tolice que escutei na vida. Você me decepciona muito com essa história. Outras suas pelo menos estavam não tão mal contadas. Mas que opinião você tem sobre sua imperatriz?

Mendigo – Não existe imperatriz. Só o povo pensa que existe uma, e só um único ser pensa que é imperatriz. Quando tiverem construído bastantes carros de guerra e os tambores estiverem treinados, haverá guerra e vão procurar um adversário.

Imperatriz – Mas a imperatriz derrotou seu adversário.

Mendigo – Matou. Não derrotou. A idiota matou o idiota.

Imperatriz – Era um inimigo forte. Acredite.

04. EXTERNO. RUA – NOITE

A imperatriz/prostituta está em uma esquina, rodando uma bolsinha, oferecendo-se, esperando clientes. Veste a roupa de imperatriz, inclusive a coroa na cabeça. Usa luvas finas. Num dado momento, tira a coroa da cabeça e coloca sob o braço. Arrumando o cabelo, num gesto vulgar, tira as luvas, aparentando classe. Senta na calçada de maneira mais vulgar ainda. Fuma um cigarro que tira da bolsa. Olha-se no espelhinho que tira da bolsa.

O mendigo vem com seu saco às costas, catando latinha, papelão etc. Remexe uma lata de lixo. Come alguma coisa que pega na lata de lixo.

Mendigo aproxima-se da imperatriz/prostituta.

68

05. INTERNO. QUARTO DE HOTEL DE BAIXO NÍVEL – NOITE

Sobre a cama, lado a lado, estão deitados o mendigo e a imperatriz/prostituta, cobertos por um mesmo lençol. Dormem, indicando que transaram. Depois de um tempo (de 30 a 40 segundos), a imperatriz/prostituta senta-se na cama, enrolando-se no lençol, vai até o banheiro. Mendigo continua deitado. Imperatriz/prostituta toma uma ducha, enquanto canta a todo vapor a música *Por que brigamos*, que foi gravada pela Diana, uma versão brasileira de Rossini Pinto para a música *I am. I said...*, de Neil Diamond e grande sucesso dos anos 1970, principalmente nos prostíbulos brasileiros:

“Quando é noite de regresso, você briga por qualquer motivo. Confesso que tenho vontade de ir pra bem longe, pra nunca mais te ver. Ó meu amado, por que brigamos? Não posso mais viver assim sempre chorando A minha paz estou perdendo. A nossa vida deve ser de alegria, pois eu lhe amo tanto (...) Hoje só resta uma chama apagando, o medo de ficar só me apavora, e eu me desespero, só me resta pedir sua ajuda, pedir que você não me deixe, meu amor”.

Mendigo já acordou, está vestido e pega um resto de sanduíche em seu saco de lixo e começa a comê-lo. Enquanto come, com olhar desconcentrado, começa a falar:

Mendigo – Um homem bota pedrinhas no meu arroz. É esse o meu inimigo. Ele se vangloriava porque tinha a mão forte (*anda*), mas morreu de câncer. E, quando fecharam o caixão, a mão dele ficou presa para fora e não perceberam quando levaram o caixão, de modo que a mão ficou pendurada, vazia, desamparada, nua.

Imperatriz – (*dentro do banheiro, olhando-se no espelho, acabando de vestir o seu manto, colocando a coroa na cabeça*) Mas que conversa mais sem pé nem cabeça. Se você quer tirar onda de maluco, é bom pagar logo o que me deve.

Mendigo – (*sentado na cama, desolado*) Antes as nuvens passavam no céu, sem parar. São elas que eu contemplo. Não param nunca.

Imperatriz – (*saindo do banheiro e entrando no quarto*) Então, como é que é? Vai pagar ou quer que eu chame o meu cafetão?

A imperatriz veste as suas luvas aparentando elegância.

Mendigo – Agora não há nuvens no céu, portanto você está delirando. Isso é claro como o sol.

Imperatriz – Que porra é essa? Vai pagar ou não? Você quis foder, fodeu. Agora tem que pagar.

Mendigo – Quanto que é?

Imperatriz – Cinco real. Se quiser mais, tem que pagar mais.

Mendigo – Posso pagar com umas latinhas que catei?

Imperatriz – Tu tá querendo morrer? Vou te passar o cerol!

Mendigo – Tô desempregado. Não consigo arranjar emprego. O dinheiro que ganho catando latinha não dá nem pra comer.

Imperatriz – Foda-se! Se não pagar, vou mandar te matar. Chega de caô! Foda-se o mundo que eu não me chamo Raimundo! Nem Raimunda!

A imperatriz vai ao banheiro raivosa. O mendigo anda pelo quarto, falando:

Mendigo – Era um cachorro bom, não um cachorro qualquer. Merecia o melhor. Até me trazia carne, e de noite dormia no meio dos meus trapos. Uma vez, houve uma grande gritaria na cidade, todo mundo tinha alguma coisa contra mim, porque não dou nada de importante para ninguém, e até os soldados vieram atrás de mim. Mas o cachorro afugentou a todos.

Imperatriz, sentada no vaso sanitário, pensativa, urinando. Ouve-se o ruído característico. Depois de um silêncio, começa a cantar outra música brega, *A dama de vermelho*, composta por Ado Benatti e Jeca Mineiro, cantada pelo Waldick Soriano, Reginaldo Rossi e outros mais, inclusive seus compositores.

Imperatriz – “Garçom, olhe pelo espelho, a dama de vermelho, que vai se levantar. Note que até a orquestra fica toda em festa quando ela sai para dançar. Esta dama já me pertenceu, e o culpado fui eu, da separação. Hoje choro de ciúmes, ciúme até do perfume que ela deixa no salão. Garçom, amigo, apague a luz da minha mesa! Eu não quero que ela note em mim tanta tristeza. Traga mais uma garrafa! hoje vou me embriagar! Quero dormir para não ver outro homem lhe abraçar”.

Imperatriz – *(depois de dois minutos pensativa, a andar em torno, pergunta)* Você gosta de Brecht?